DOI: 10.5418/RA2016.1218.0013

SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA E GEOGRAFIA HISTÓRICA NOS ENCONTROS NACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (ENANPEGE)

On the representativeness of history of geography and historical geography at the national meetings of the Association of Graduate Studies in Geography (Enanpege)

Acerca de la representación de la historia de la geografía y geografía histórica en la reunión nacional de la Asociación de Estudios de Posgrado en Geografía (Enanpege)

André Reyes Novaes

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rua Professor Luis Cantanhede 202 apt 201. Laranjeiras. Rio de Janeiro. 22245-040. E-mail: andrereyesnovaes@gmail.com

Mariana Lamego

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rua Almirante Cochrane 56 apt 4010. Tijuca. Rio de Janeiro. 205050040. E-mail: marilamego@gmail.com

RESUMO

O presente artigo parte do objetivo inicial de compartilhar um relato sobre os trabalhos apresentados à ocasião do último Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação em Geografia (2015), reunidos no Grupo de Trabalho de História da Geografia. Ao fazê-lopropomos avaliar a representatividade dos campos de história da geografia e geografia histórica a partir da construção de um breve painel da dinâmica dos referidos campos nos últimos 4 encontros da associação. Nessa avaliação, observamos uma representatividade oscilante da história da geografia e da geografia histórica. Ofertamos então uma interpretação dessa condiçãoarticulando-aàs trajetórias dos campos na geografia brasileira à luz de debates de natureza teórica e metodológica contingentes ao processo de circulação, apropriação e tradução do conhecimento geográfico.

Palavras-chaves: história da geografia; geografia histórica; grupos de trabalho; Anpege

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

ABSTRACT:

This article has the initial aim of sharing an account of the works presented at the occasion of the last National Meeting of The Association of Graduate Studies in Geography (2015), in the working group on the History of Geography. In doing so we propose to evaluate the representativeness of the fields of history of geography and historical geography analysing a brief panel on the dinamics of these fields in the last 4 meetings of the association. In this evaluation, we observed an oscillating representativeness of the history of geography and historical geography. Taking this fact into account, then we offered an interpretation of this condition by connecting it to the trajectories of these fields in the Brazilian geography in the light of theoretical and methodological debates, considered as part of the process of circulation, appropriation and translation of geographical knowledge.

Keywords: history of geography; historical geography; working groups, Anpege

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo compartir lostrabajos presentados enocasión de la última Reunión Nacional de laAsociación de Graduados enGeografía (2015), reunidos enel Grupo de Trabajo de Historia de laGeografía. Al hacerlotenemoslaintención de evaluarlarepresentatividad de los campos de historia de lageografía y lageografía histórica y para tal construimos una breve descripción de ladinámica de estos campos enlos últimos 4 reuniones de laasociación. Enestaevaluación, se observó una representación oscilante de lahistoria de lageografía y lageografía histórica. A continuaciónleofrecimos una interpretación de esta condiciónhaciendo una conexiónconlastrayectorias de los campos enlageografíabrasileña a la luz de los debates teóricos y metodológicos que son parte delproceso de circulación, apropiación y traducciónelconocimiento geográfico.

Palabras-claves: história de lageografía; geografía histórica; grupos de trabajo, Anpege

Os Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE)já constituem um ambientecientíficoconsolidado para a troca de ideias, bem comopara a organização institucional da geografia brasileira. Para além disso, vislumbramos que tais encontros oferecem também uma rica oportunidade para se conhecer a dinâmica das pesquisasna geografia acadêmica,considerando, principalmente a representatividade de seus campos de investigação e conhecimento. Percebemos que se alguns campos têm presença constante e longeva, outros aparecem de forma dispersa e muitas vezes pontual. É o caso dos campos de geografia histórica e história da geografia que, ao longo dos últimos quase dez anos de encontros da ANPEGE, têm representatividade oscilante nos fóruns para apresentação e discussão das pesquisas intitulados Grupos de Trabalho[1].

[1] Doravante GT e GTs.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Isso posto, partindo de nosso propósito inicial de compartilhar um relato sobre as atividades do GTde História da Geografia no encontro realizado em Presidente Prudente em 2015, neste artigo pretendemos ir um pouco mais adiante e oferecer uma interpretação acerca dos caminhos e descaminhos dos campos de história da geografia e geografia histórica nos encontros da ANPEGE articulando essas trajetórias aos desenvolvimentos dos campos na geografia brasileira.

Cumpre, antes, justificar a inclusão da geografia histórica em nossa análise.No encontro de 2015, o GT Geografia Histórica do Espaço que abrigava pesquisadores afinados ao campo da geografia histórica foi suprimido da lista de GTs.A não oferta deste GT no último encontro é a explicação que encontramos para o fato de quase a metade dos trabalhos submetidos ao GT de História da Geografia serem exemplares de pesquisas em geografia histórica. Ademais, nossa experiência profissional e ativa participação na Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica nos faz argumentar em prolda conexão inconteste entre esses dois campos.

Na primeira seção de nosso artigo, construímos um breve painel sobre a dinâmica da representatividade dos campos de história da geografia e geografia históricanos encontros da ANPEGE. Nosso recorte temporal tem início em 2007,quando do surgimento da modalidade dos GTs até o encontro de 2015.

Na segunda seção do artigo, tecemos algumas considerações sobre o desenvolvimento do campo da geografia histórica no Brasil, pontuando como pesquisas dessa natureza foram por muito tempo produzidas sem que viessem aconsolidar umcampo disciplinar específico. A partir do relato de algumas iniciativas de difusão do campo a partir do final do século XX, a intenção é apresentar um pouco do cenário contemporâneo que, em certa medida, foi observado nos debates realizados no GT de História da Geografia em 2015.

Na terceira seção, seguimos no mesmo caminho, agora debruçados sobre o campo da história da geografia. Apontando diferenças encontradas entre os campos, como aquelas relativas à ocupação de espaços institucionais, reconhecemos uma série de limitações na forma como a história da disciplina é geralmente entendida e lecionada, evidenciando como as pesquisas apresentadas no GT abrem perspectivas de renovação do campo. Trabalhando com temas e metodologias diversas, os trabalhos submetidos ao GT de Presidente Prudente em 2015, certamente contrastam com abordagens mais tradicionais.

Ao final, tecemos algumas considerações, constatando a necessidade de consolidação de espaços institucionais para que o debate sobre geografia histórica e história da geografia siga florescendo e se intensificando entre os pesquisadores brasileiros.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

BREVE PAINEL SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA E DA GEOGRAFIA HISTÓRICA NOS ENCONTROS DA ANPEGE

As primeiras iniciativas de criação da ANPEGE remontam o ano de 1983, mas é interessante observar como os encontros da instituição, criada oficialmente em 1993, foram progressivamente abrindo mais espaço para a apresentação e discussões das pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação em geografia no Brasil. Os primeiros encontros estavam inicialmente estruturados em mesas redondas, em grande parte discutindo questões ligadas ao funcionamento e à difusão da pós-graduação. Espaços como as "reuniões de trabalho" ou as "comunicações" cresceram emimportância acompanhando o incremento no número de participantes dos encontros. Pouco mais de dez anos após a criação oficial da ANPEGE, o encontro de Fortaleza em 2005 contou com 54 comunicações coordenadas e 535 comunicações científicas, refletindo a expansão dos programas de pós-graduação em geografia no país.

Os GTs apareceram pela primeira vez, nesteformato e nomenclatura, no encontro realizado na Universidade Federal Fluminense,na cidade deNitéroi, em 2007. Por esse motivo, este encontro representa o marco inicial em nosso breve painel.É importante apontar que este encontro da ANPEGE de 2007representou um momento bastante especial para os campos de pesquisas abordados neste artigo.

O GT cadastrado como Geografia Históricafoi coordenadopelos professores Maurício de Almeida Abreu (UFRJ) e Pedro Vasconcellos (UFBA), enquanto o GT correspondente ao campo da história da geografia, intitulado História do Pensamento Geográfico, foi coordenado pelos professores Sergio Pereira Nunes (UFF) e Manoel Fernandes (USP).

Embora tenham sido bem recebidos, com bom número de participantes, a representatividade dos dois grupos de trabalho oscilou consideravelmente nos encontros seguintes. No encontrorealizado em 2009,na cidade de Curitiba, o GTde História do Pensamento Geográfico se juntou ao GT intitulado Epistemologia da Geografia tendo ficado sua coordenação a cargo de cinco professores[2], dos quais destacamos o professor Elvio Rodrigues Martins (USP), que coordenara o mesmo GT no encontro anterior em conjunto com o professor Ruy Moreira (UFF). O GT de Geografia Histórica foi novamente coordenado pelo professor Maurício de Almeida Abreu e teve a adesão de mais quatro professores[3] na coordenação.

[2] Elvio Rodrigues Martins (USP), Alexandrina Luz Conceição (UFS), Fabrício Pedroso Bauab (UNIOESTE), Rita de Cássia Ariza da Cruz (USP) e Rosana Figueiredo Salvi (UEL).

[3] Marcos Aurélio Saquet (UNIOESTE), Carlos Teixeira de Campos Junior (UFES), Eustógio Wanderley Correia Dantas (UFCE), Raquel Fontes do Amaral Pereira (UNIVALI).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

No encontro realizado na cidade de Goiânia, em 2011, mais uma vez são observadas alterações na representatividade e composição dos GTs referentes à geografia histórica e história da geografia. Neste encontro, a história da geografia não se vê representada em nenhum GT e a fusão anterior, com o GT de Epistemologia não é mantida, como fica evidente na nova denominação desteGT, coordenado pelo professor Elvio Rodrigues Martins (USP) com demais colegas[4], que passa a se chamar Filosofia e Epistemologia da Geografia. O nome doGT referente ao campo de geografia histórica também sofre significativa alteração, passando a se denominar Geografia Histórica do Espaço. Sua composição também se altera:com a lamentável morte do professor Maurício de AlmeidaAbreu,as pesquisadoras Doralice Sátyro Maia (UFPB), EdaGoes (UNESP) e Odette Seabra (USP) se tornam coordenadoras deste GT. No encontro seguinte, dessa vez realizado na cidade de Campinas em 2013, as denominações dos grupos de trabalho permanecem, com alterações em suas composições[5].

Mais alterações são observadasno último encontro realizado na cidade de Presidente Prudente, em 2015. Dessa vez, a história da geografia se vê representada em um GT próprio e o mesmo não ocorre com a geografia histórica que não teve GT nesse encontro,o que não impediu quealguns pesquisadoresquecompuseramGTs anteriores sobre a temática tenham se reunido ao GT de História da Geografia. Esta associação teve um efeito bastante positivo, pois no GT puderam se encontrarpesquisadores que participam daRede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, e que vem, ao longo dos últimos quinze anos, organizando publicações[6] e encontros científicos[7]de âmbito nacional e internacional que congregampesquisasem ambos os campos.

Pois bem, findo esse breve painel, destacamos que essa dinâmica de representatividades limitada e, muitas vezes, irregular aproxima ainda mais a geografia histórica da história da geografia, que experimentam, a nosso ver, umainsólitacondição no Brasil quando comparado a correspondentes alhures. Na geografia de língua inglesa e francesa, tratam-se de campos que gozam de bastante reconhecimento e representatividade, podendo até constituírem-se em tradições de pesquisas. No Brasil, diversamente, por não conjugarem grande contingente

[4] Antônio Carlos Vitte (UNICAMP), Fabrício Pedroso Bauab (UNIOESTE) e João Osvaldo Rodrigues Nunes (UNESP)

[5] Alguns destaques podem ser feitos, como a entrada dos pesquisadores Dante Flávio da Costa Reis Junior (UNB) e Dirce Suertegaray (UFRGS) no GT de Filosofia e Epistemologia da Geografia. Já no GT de Geografia Histórica do Espaço apenas a professora Doralice Sátyro Maia permanece, sendo agora acompanhada pela professora Maria Isabel Jesus Chrysostomo (UFV) e pelos professores Cláudio Zanotelli (UFES) e Marcelo Werner da Silva (UFF).

[6] Revista Terra Brasilis (https://terrabrasilis.revues.org/).

[7] III Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico (2014); Simpósio Internacional da Comissão de História da Geografia da União Geográfica Internacional (2014); III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e I Encontro Nacional de Geografia Histórica (2012); II Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico (2010); II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico (2009); I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico (2008); I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico (1999).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

de pesquisadores,compartem de precária representatividade nos âmbitos acadêmicos, como exploraremos nas seções advindas. Muito embora apresentando qualidade crescente, as iniciativas investigativas nestes camposnão convergem ainda para uma estabilizaçãoe consolidação de espaços institucionais, como vimos nas oscilações dos GTs a eles referentes.

Reconhecemosque é a combinação de componentes de natureza epistêmica, social, cultural e até mesmo pertinentes a uma microescala,que explicam essa condição, todavia gostaríamos aqui de exploraro papel jogado porcomponentes diretamente conectadosà circulação, apropriação e tradução de ideias geográficas no desenvolvimento da geografia histórica e da história da geografia na academia brasileira.

SOBRE A GEOGRAFIA HISTÓRICA: LIMITAÇÕES E POTENCIALIDADES

Encarregado de escrever o verbete *historicalgeography*na terceira edição do *TheDictionaryofHumanGeography*, o geógrafo inglês Mark Overton (2003) faz uma distinção que nos parecepropícia para entender o desenrolar da história do campo de geografia históricano Brasil. Tomando de empréstimo uma expressão de Darby (1983),Overton distingue doistipos de geógrafos históricos: (1) os "autoconscientes", que se consideram praticantes de um subcampo de pesquisa, com interesse claramente voltadoàs geografias do passado; e (2)os que fazem referência ao passado em seus estudos, muito embora seus objetivos estejam associados ao "impacto no presente" e, com isso, não se associam de modo direto a umsubcampo histórico.Se pensamos essa distinção aplicada ao desenvolvimento das pesquisas em geografia históricano Brasil, percebemos que conhecimentos contingentes ao campo foram acumulados previamente à criação da disciplina no âmbito institucional, e posteriormente, por geógrafos que não se declaravam históricos.

Mesmo antes da institucionalização da geografia nas academias brasileiras, é possível identificar nichos com profunda relação entre a geografia e a história nas primeiras instituições do Brasil imperial. É o que argumenta Robin A. Butlin (1993) em seu conhecido livro sobre geografia histórica, onde pouco mais de uma página é dedicada ao desenvolvimento de pesquisas na América Latina. O autor destaca a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1838, que ao seguir o modelo do *InstitutHistorique de Paris,* estimulou uma série de pesquisas feitas com o intuito de criar um senso de simbolismo e identidade nacional durante o século XIX. Neste período, nenhum pesquisador defendia alguma posição institucional para a geografia histórica, tendo em vista que não havia ainda no Brasil a disciplina geografia e sim um conjunto de conhecimentos relativos ao campo que já existia na Europa e que servia de inspiração. Logo, muitas pesquisas foram feitas "ligando geografia e história para entender a história natural do país" (Butlin, 1993:20).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Ainda que o argumento de Butlinseja interessante, o autor não contempla a história da geografia acadêmica institucionalizada na América Latinaao longo do século XX.A atenção detalhada no restante de seu livro se volta para o desenvolvimento da geografia histórica na academia anglo-saxônica, considerando o século XX como o período de nascimento de uma geografia histórica moderna. As raízes francesas do termo são destacadas, como na passagem em que o autor cita um texto extraído de uma*Encyclopédie* publicada em Paris em 1697, onde era destacado "um novo método de geografia histórica para aprender e reter facilmente...a geografia moderna e anciã, a história moderna e anciã, o governo dos estados, o interesse dos príncipes, suas genealogias..." (Butlin, 1993:12). No entanto, essas passagens são apresentadas como "proto-geografia histórica" e para o autor a disciplina acadêmica moderna só pode ser identificada a partir de 1920 com as pesquisas de geógrafos ingleses como Darby, Gilbert, Baker, Taylor e Bowen.

A criação de uma tradição de língua inglesa de geografia histórica encabeçada por Darbyé fundamental para a consolidação do campo nos cursos de geografia das universidades britânicas. No Brasil, nossa ascendência francesa pode explicar a praticamente nula influência desta tradição na geografia ao longo do século XX.A geografia acadêmica no Brasil nasce sob os desígnios daEscola Regional Francesa. Os professores e pesquisadores Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, atuam na criação das Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas no Rio de Janeiro e em São Paulo nos anos 30. Como é notório, a história era um componente vital na prática da Escola Regional Francesa, de tradição vidaliana.

Em um interessante artigo sobre a relação entre história e geografia na França, o geógrafo francês PaulClaval (1984) aponta que Vidal de La Blachetinha uma tendência de "integrar a reconstrução histórica com a análise social no estudo das regiões" (1984:231), assim como Pierre Deffontaines e Roger Dion que falavam de uma "abordagem retrospectiva" ou uma "geografia humana do passado". De acordo com o argumento de Claval, uma vez que os geógrafosfrancesesintegravam a história como parte de seus estudos regionais, não advogaram por um espaço institucional para a geografia histórica.A geografia humana era também histórica.

Seguindo em sua análise, Claval (1984) destaca a existência do que chama de "paradoxo francês" na relação entre a história e a geografia, segundo o qual apesarda geografia francesa, ou mais especificamente, os estudos regionais desenvolvidos por Vidal e seus discípulos diretos, terem influenciado os historiadores da Escola dos Annales, a históriannunca teria sido "praticada [pelos geógrafos franceses] como um objetivo em si" (1984: 232). Em outras palavras, o recurso à história estava condicionado à necessidade do geógrafo em construir um retrospecto de seu fenômeno, configurando a história em uma ferramenta,

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

sem maiores disposições reflexivas sobre o papel do tempo e da historicidade na construção das monografias regionais. E, se em Vidal e seus discípulos diretosesse recurso era frequente, o mesmo não acontece nas gerações seguintes da Escola Regional, onde se reconheceria, aos poucos, um empobrecimento da perspectiva histórica nas monografias regionais que se excedem no caráter descritivo (Claval, 1984).

Compactuando do mesmo argumento do paradoxo francês de Claval, o geógrafo histórico Alan Baker (2003) sugere que a inclusão de ideias como "história total" no projeto da escola dos Annalesteria contribuído para, em certa medida, enfraquecer a história e sua reflexãona geografia francesa,uma vez que grandes estudos que relacionavam geografia e história foram realizados por historiadores na busca por uma "geo-história" (Braudel, 1953) e não por geógrafos, detidos nas extensas descrições regionais das pesquisas monográficas.

Tendo em mente a questão de nossa ascendência francesa, o paradoxo apresentado talvez permita uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento da geografia histórica ao longo do século XX até seu estado da arte no Brasil, marcado por aspectos como:a presença tímida do campo nos currículos de formação em geografia;a ausência de linhas de pesquisa em pós-graduação; ea relativa escassez de livros-guias ou obras de maior fôlego, excetuando-se, evidentemente, a excepcional produção de Maurício de Almeida Abreu (a quem nos referenciaremos adiante). Argumentamos aqui que a maior apropriação e tradução da matriz francesa pode explicar a primazia de uma geografia histórica não "autoconsciente" no Brasil.

Por geografia histórica não "autoconsicente" qualificamos os estudos que guardam muitas afinidades temáticas e metodológicas, realizados tanto na academia, quanto em instituições como o IBGE e o IHGB, e desenvolvidos ao longo do século XX. Seria impossível nesse texto dar conta da quantidade de autores que contribuíram com pesquisas sobre as geografias do passadono Brasil. Entretanto,vale destacar que a influência francesa também estimulou muitos estudos em história urbana e regional, com reconstituições detalhadas dos processos de ocupação do espaço e transformação da paisagem.

Bons exemplos são as pesquisas desenvolvidas pelos geógrafos do IBGELysia Bernardes e Nilo Bernardes.Lysia Bernardes produziu estudos sobre o papel da posição geográfica no desenvolvimento das cidades (Bernardes, 1958), tratando explicitamente de uma "evolução da paisagem" urbana (Bernardes, 1959). O mesmo se aplica a Nilo Bernardes,em pesquisas sobre "expansão do povoamento" (1950), "colonização" (1952) e "ocupação humana das montanhas" (1959). O casal de geógrafos oferece em seus trabalhos uma cuidadosa descrição dos processos históricos de ocupação dos espaços em um exemplo de articulação entre os conhecimentos do campo da geografia e da história.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

A apropriação e tradução de métodos da Escola Regional francesa influenciou uma largaprodução de estudos com o recurso da história, como a produção de Alberto Lamego, que teve seus livros publicadospor instituições como o IBGE(Lamego, 1940, 1946, 1948, 1950). Na década de 1970, a chegada dos métodos quantitativos na geografia brasileira, conforme apontam algumas pesquisas (Almeida, 2000; Bomfim 2007;Lamego, 2010), reduziu de modo significativo o ímpeto histórico nas pesquisas geográficas. Já as abordagens críticas, e a geografia política de fôlego renovado,restauraramas pontes entre geografia e história durante as décadas de 1980 e 1990, tanto em investigações sobre a ocupação histórica do território brasileiro (Moraes, 2011; Machado, 1989), como em estudos voltados aos processos de urbanização (Santos, 1993).

Tendo em vista o escopo desse artigo, não é nossa intenção discorrer longamente sobre os ricos debates relativos à introdução das dimensões temporais nas pesquisas geográficas no final do século XX, e sim enfatizar como, de forma geral, nãoé possível afirmar que a geografia histórica tenha se constituído, efetivamente, em campo delimitado e reconhecido institucionalmente de pesquisa e formação.

Entretanto, no intuito de explorar se e como a geografia histórica brasileira foi também "autoconsciente", no sentido de Overton (2003), é fundamental considerar as iniciativas e projetos individuais, com as pesquisas desenvolvidas por Maurício de Almeida Abreu como exemplo mais significativo. Amparados emLatour (2005), reconhecemos que os atores em suas redes são componentes fundamentais na produção do conhecimento científico e a lembrança que guardamos de nossa formaçãocom o professor Maurício de Almeida Abreu chegando na salacom uma mala de livros de geografia histórica– artefatos em uma rede de conhecimento – só faz reforçarsua importância. Foi durante suas aulas de mestrado e doutorado que escutamos pela primeira vez falar de geografia histórica, não enquanto uma prática ou parte de uma pesquisa mais ampla, mas enquanto um campo de estudo com suas categorias, seus temas e suas tradições.

Ao trazer livros ingleses sobre a geografia histórica e alimentar a biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, biblioteca que hoje leva o seu nome, o professor Maurício de Almeida Abreu foi um ator central na rede de circulação e produção do conhecimento, e em sua prática, reivindicousempre por espaços institucionais para a geografia histórica. Sua trajetória acadêmica revela que, em sua conhecida e reconhecida obra "A Evolução Urbana do Rio de Janeiro" (1987), Abreu ainda não falava de forma sistemática sobre a geografia histórica da cidade e utilizava muitas categorias associadas à chamada geografia crítica como estrutura, forma, função e processo. Entretanto, no começo dos anos 2000, o autor começou a se referir de forma

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

explícita ao campo da geografia histórica. O termo aparece de forma constante em sua produção a partir de 2005 e compõe o eixo da sua última grande obra, publicada em dois volumes, em 2010, e intitulada a "Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)".

Considerando esses elementos, para nós fica claro porque o professor Maurício de Almeida Abreu foi proponente do GT de geografia histórica no encontro realizado em Niterói, em 2007. Trabalhando em conjunto com o professor Pedro de Almeida Vasconcellos– outro importante pesquisador que compartilha do pioneirismo na introdução da geografia histórica no Brasil –Abreu organizou um grupo com significativa adesão naquele ano, contando com a apresentação de 12 trabalhos em dois dias de encontro. Acreditamos que a morte prematura de Maurício de Almeida Abreu, em 2011, teve efeitos sobre o crescimento e consolidação dos espaços institucionais da geografia histórica no Brasil.Em larga medida, Abreu e sua produção eram um sinônimo de geografia histórica brasileira, o que se ilustra pelo fato de, à ocasião de sua morte, ser publicado seu obituário no principal periódico de geografia histórica do Reino Unido, o *JournalofHistoricalGeographers*. O autor também foi referenciadonapalestra recente de Alan Baker[8] sobre internacionalização da geografia histórica. Trata-se de uma perda irreparável, todavia reconhecemos que muitos pesquisadores vêm contribuindo para o aumento da representatividade da geografia histórica para que este processo não seja interrompido.

Além de professores contemporâneos a Abreu, como o anteriormente citado Pedro Vasconcellos, muitos de seusorientandos tornaram-se bastante atuantes no campo da geografia histórica, como é o caso do professor Marcelo Werner (UFF), que coordenaum grupo de pesquisa sobre geografia histórica e tem suas pesquisas voltadas ao campo. Outras iniciativas importantes na divulgação da geografia histórica têm partido da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, da qual fazem parte tanto o professor Marcelo Werner, como pesquisadoras que já coordenaram grupos de trabalho sobre geografia histórica em simpósios anteriores da ANEPEGE, como é o caso da professora Maria Isabel Chrysostomo (UFV).

Como membros desta mesma rede de pesquisadores, apostamosno potencial de difusão e consolidação do campo da geografia histórica no país. Muito embora, reconheçamos queo caminho sejaextenso, tendo em vista alguns fatores como a rarefeita oferta de disciplinas ligadas diretamente ao campo no quadro de formação em geografia nas universidades

[8] A palestra foi proferida à ocasião da abertura da InternationalConferenceofHistoricalGeographers, realizada em Londres em 2015. Nessa oportunidade, Baker ofereceu um resgate da internacionalização da geografia histórica e citou as contribuições de Maurício Abreu para se referir a pesquisas na América Latina. Após a palestra de abertura, cinco geógrafos de diferentes partes do mundo teceram breves comentários sobre a internacionalização da geografia histórica, considerando seus diferentes contextos de produção e recepção. Para informações sobre este debate ver o artigo assinado por Cameron, Forsyth, Yamamura e Novaes (2016), publicado no GeographicalJournal no número seguinte ao artigo de Baker.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

brasileiras, sua ausênciaem linhas de pesquisa nas pós-graduações em geografiano Brasil, ou aindaem um número considerável de revistas especializadas. Estes são alguns componentes que julgamos pertinentes para entender a ainda diminuta representatividade de pesquisas e pesquisadores "autoconscientes" relativos ao campo da geografia histórica no país.

Como observamosna dinâmica dos grupos de trabalho voltados ao campoem alguns encontros da ANPEGE que participamos, muitos pesquisadores brasileiros ainda confundem uma pesquisa de geografia histórica com um breve histórico de um fenômeno estudado no presente, como um capítulo "histórico"de teses ou dissertações. Essa condição só reforça a necessidade de fóruns de discussãode métodos e categorias de análisena abordagem dasgeografias do passado.Acreditamos, entretanto que mesmo ainda em menor número, as iniciativas aqui citadas vêm alterando um pouco esse quadro.

E o último encontro da ANPEGE,em Presidente Prudente, ilustra bem a situação descrita. Neste encontro, a geografia histórica teve significativa representatividade, sendo dos 11 trabalhos inscritos, 4 alinhadosao campo. O trabalho do professor Marcelo Werner (UFF) buscou um diálogo com a teoria do sistema-mundo para situar uma pesquisa detalhada sobre as relações entre a economia cafeeira e a expansão das ferrovias no Brasil na segunda metade do século XIX. Ao fazer uma reconstrução das infraestruturas de transporte e comunicação o autor aplica métodos bastante comuns nos trabalhos dos geógrafos históricos. Na mesma direção seguiu o trabalho deChrysostomo (UFV) e Higor Santos (UFV). Os autores exploram a relação entre imigração estrangeira e a questão regional no início da República em Minas Gerais, entre 1888 e 1910. O uso político da mão-de-obra estrangeira é considerado um elemento estruturador de novos territórios sendo o papel da história das cidades claramente destacado.

Além dos citados professores, pesquisadores de pós-graduação também enviaram contribuições para nossoGrupo de Trabalho. O trabalho do doutorando da UFV, Higor Santos, vai na mesma direção do realizado em coautoria com sua orientadora. Em sua pesquisa, Higor Santos propõe analisar como discursos geográficos foram mobilizados a fim de legitimar a política de imigração e colonização desenvolvida em Minas Gerais no findar dos oitocentos. Por fim, o trabalho da doutoranda da Unesp, Cristina de Moraes, utilizaa ideia de ideologias geográficas do professor Antônio Carlos Robert de Moraes para investigar a formação do Oeste Catarinense no Brasil. Assim como nos trabalhos anteriores, a preocupação maior aqui não seria descrever a evolução da paisagem ou a sucessão de técnicas que permitiram a transformação do espaço, mas sim identificar as ideologias geográficas que teriam influenciado na materialização de um determinado modo de apropriação espacial.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Infelizmente, a ausência de alguns autores na reunião do GT foi um fator limitante para a realização de maiores debatesde natureza metodológica acerca das pesquisas em geografia histórica.Entretanto aqueles que estiveram presentesengajaram-se nas discussões envolvendoos demais trabalhos de história da geografia. O que se observou, de forma geral, foi uma troca ainda tímida com as tradições da geografia histórica inglesa aqui identificadas. Nos trabalhos que compuseram o GT,há diálogos com Wallerstein,Foucault e outros autores que se associam com a geografia brasileira e seus estudos sobre "ideologias geográficas" (Moraes, 1988;DelGaudio e Pereira, 2014). A partir do reconhecimento que o universo referencial em sua grande maioria se associa aos fenômenos estudados por cada autor, foi discutida, durante o encontro, a premência de mais espaço para debatesde natureza metodológica do campo da geografia histórica.

Nesse sentido, sugerimos que é fundamental que se mantenham sempre abertos os canais de troca com debates dessa natureza realizados na geografia de língua inglesa principalmente, a partir de meados do século XX. As trocas são garantia de discussão permanente a respeito de ações fundamentais do processo social de construção do conhecimento, qual sejam, a apropriação, a tradução, a incorporação ou mesmo a rejeição de ideias.

SOBRE A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA: POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES

Diferente da trajetória do campo de geografia histórica no Brasil, sobre a qual reconhecemos uma escassa representatividade institucional, o campo de história da geografia faz parte do currículo de formação da extensa maioria dos cursos de geografia no Brasil. Sob o rótulo de História do Pensamento Geográfico[9], a história da geografia vem sendo ensinada àqueles que se dedicam à disciplina tanto no bacharelado quanto na licenciatura.

Muito embora tenha reconhecida sua importância, a história da geografia convive com uma triste realidade, qual seja, a escassez de reflexão historiográfica e debates metodológicos sobre as pesquisas nesse campo. Tal condição revela, a seu turno, um pesaroso paradoxo, o estado da arte da historiografia da geografia brasileira não reflete nossa farta produção científica. Em outras palavras, apesar de muito produtivos, os geógrafos brasileiros interessados em história da geografia têm dificuldade de fazer com que os debates sobre as metodologias de suas pesquisas cheguem aos fóruns acadêmicos, contribuindona formação de novos pesquisadores e no fortalecimento das disposições reflexivas sobre a historicidade do campo.

[9] Apesar de se encontrarem variações no nome da disciplina, como no caso da habilitação em geografia da Universidade de Brasília (UNB), que utiliza a denominação Introdução à Ciência Geográfica, o nome História do Pensamento Geográfico é o mais comumente utilizado para designar a componente que apresenta o conteúdo histórico da ciência.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Em um interessante e necessário estudo, Reis Júnior (2011) faz um diagnóstico dessa situação dissecando a produção acumulada sobre história da geografia no Brasil disponível na forma de livros, coletâneas de artigos, artigos em periódicos nacionais, além de teses e dissertações. Segundo o autor, ainda que nos últimos quinze anos tenham se multiplicado pesquisas e textos que refletem um crescente interesse pela historicidade do campo (e.g. Machado, 2002; Pereira, 2003; Godoy, 2010; Vitte, 2007; Lamego, 2010), tais trabalhos se caracterizam como enquadramentos sobre temas e períodos diversos, ao invés de obras mais gerais. Por isso, muito embora rico e estimulante, tal acervo de obras é de difícil utilização no ensino da história da geografia, por não constituir algo como um quadro mais amplo e denso do conhecimento geográfico que se produz e circula.

Os chamados livros-textos poderiam preencher essa lacuna fornecendo material sobre o desenvolvimento do campo que poderia ser usado nos cursos de História do Pensamento Geográfico. Esse expediente – muito comum em cursos de formação em geografia em universidades estrangeiras (e.g. Cresswell, 2013; Henderson e Waterstone, 2009; Deneux, 2006) – é ainda raro na produção nacional. Contribuições dessa natureza datam das últimas três décadas (e.g. Sodré, 1976; Monteiro, 1980; Moraes, 1981; Moreira, 1983; Andrade, 1987) e, concordamos com Reis Junior (2010) que tais contribuições padecem, em larga medida, de um tratamento mais sistemático e aprofundado do processo de construção do conhecimento geográfico.

Constata-se, portanto, que usualmente a ênfase da História do Pensamento Geográfico na formação do geógrafo recai sobre a história da geografia mundial baseada de modo prevalente em narrativas tradicionais que traçam uma linha evolutiva que vai da antiguidade grega às abordagens contemporâneas (quando há fôlego ou ainda tempo para esse *tour de force*), em lugar de uma análise sobre as variadas formas de se contar a história da disciplina considerando as componentes epistêmicas, sociais, políticas, locais e culturais envolvidas no processo de produção do conhecimento. Tal abordagem, defendemos, em muito contribuiria para suplantar as desgastadasnarrativas essencialistas, evolutivas e canônicasainda tão comuns nas aulas de História do Pensamento Geográfico.

Pois bem, ainda que esse cenário careça de avaliações, tanto quanto de transformações, entendemos que a presença da História do Pensamento Geográfico na formação cumpre um papel importante como incentivo para que futuros pesquisadores com inclinações historiográficas desenvolvam suas investigações sobre a história da geografia no âmbito dos Programas de Pós-Graduação. Tal condição, por sua vez, tem garantido um fluxo contínuo de pesquisas e participação dos geógrafos nos congressos próprios ao campo e nos encontros gerais da comunidade geográfica brasileira.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

O encontro da ANPEGE realizado em 2015 reflete esse fluxo e a quantidade de trabalhos sobre história da geografia foi considerada satisfatória, expondo caminhos variados de pesquisa. Os estudos, fenômenos e métodos utilizados nas pesquisas que foram alvo de ricos debates em nosso GT de Presidente Prudente,evidenciam o argumentoque aqui defendemos. Ainda que padeça com a ausência de obras de vulto, que sua presença costumeira na graduação precise de alguma revisão, a história da geografia praticada nas pós-graduações apresenta ares de reflexão e renovação para o campo.

Muitos trabalhos propõe o estudo da obra e vida de autores já tradicionalmente estudados na geografia brasileira, dando enfoque maior nas transformações das instituições de formação e seus impactos nas escolhas individuais, em abordagens mais afeitas aos estudos culturais da ciência. Esse é o caso, por exemplo, do trabalho da doutoranda da USP Larissa Alves de Lira, que teve como objeto a formação do geógrafo Pierre Monbeig em Paris entre os anos 1924 – 1926. Embora o enfoque da autora seja na trajetória formativade Monbeig, é interessante observar a ênfase dada as transformações nos currículos da Sorbonne e as relações entre geógrafos e historiadores na época, o que renova sua análise em direção a uma história intelectual.

Esta mesma preocupação com as instituições de formação também aparece no trabalho de mestrado de RosimeriPetrici, aluna da UFU. A proposta submetida pela autora busca paralelos entre a ciência geográfica e a modernidade no Brasil por meio de uma análise do períodode instalação e de expansão das universidades brasileiras. O objetivo central do trabalho éinvestigar como as universidades contribuíram para a formação de uma identidade nacional e potencializaram ações de planejamento territorial.

Doutorando do mesmo programa de Pós-Graduação da UFU, o aluno Marcos Túlio Martins também oferece uma pesquisa com um maior enfoque nas instituições que nos personagens, ao estudar a função das escolas militares na produção e difusão do conhecimento geográfico. A proposta do autor se assemelha a de sua colega por buscar relações entre a produção do conhecimento geográfico e a atuação simbólica e material do Estado, a partir de projetos territoriais específicos. Explorando os currículos de formação no interior das instituições militares, o trabalho busca também relacionar a geografia com os projetos de modernização do país nos séculos XIX e XX.

Orientadora dos dois trabalhos supracitados, a professora Rita de Cássia Martins de Souza (UFU), submeteu também um interessante trabalho em coautoria com a aluna Kárita de Fátima Araújo, onde a circulação de conhecimentos geográficos na formação da identidade nacional é tomada a partir de uma fonte diferenciada, qual seja, a poesia

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

inconfidente de Cláudio Manuel da Costa, TomázAntonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Segundo as autoras, no contexto de Minas Gerais do século XVIII, a produção destes autores revela novos olhares sobre a construção da identidade brasileira e a circulação de ideias geográficas, que devem diversificar suas fontes e objetos de pesquisa.

Apesar de um amplo debate entre os participantes sobre as fontes e materiais utilizados nas pesquisas, foi interessante observar a concentração de estudos com enfoque institucional. Este foi o caso também do trabalho do mestrando da USP Alexandre Orlando de Aquino, que discutiu a relação entre o Conselho Nacional de Geografia e o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo entre 1937 e 1956. O objetivo principal da pesquisa, que se debruçou sobre teses de doutorado defendidas na USP e artigos publicados na Revista Brasileira de Geografia, foi esclarecer o nível de interdependência entre essas duas instituições, *locus* fundamentais para a produção de discursos geográficos no país.

Embora tenha aparecido mais recorrentemente associada às instituições promotoras, a circulação de discursos geográficos também foi tratada a partir da difusão de certas "escolas" ou abordagens específicas na geografia brasileira. Este foi o enfoque presente na proposta da aluna de Pós-Graduação da UFG, Maryela Janaina Barbosa que, em coautoria com sua orientadora, a professora Ana Cristina da Silva, buscou estudar a eclosão da geografia crítica no Brasil considerando suas influências no ensino da disciplina. Embora a difusão de abordagens críticas na geografia seja um tema normalmente presente nos cursos universitários de História do Pensamento Geográfico, as autoras aqui trazem uma perspectiva renovada pelo enfoque dado ao ensino da disciplina. Buscando estudar a disseminação de um discurso geográfico crítico entre os professores, a pesquisa tem como fonte as publicações da Revista Terra Livre entre 1986 e 2006.

Como os trabalhos apresentadosno GT ilustram, as pesquisas em história da geografia no Brasil tendem a tratar fenômenosdiretamente ligados à circulação de ideias geográficas no país, principalmente no século XX. No entanto, acreditamos ser fundamental que os geógrafos brasileiros não limitem suas pesquisas a estes tempos e espaços, podendo revisitar discussões sobre a produção do conhecimento geográfico em recortes mais longínquos. Esse foi o caso do rico trabalho apresentado pelo professor da Unioeste, Fabrício Pedroso Bauab, que oferece reflexões sobre a geografia na idade média. Explorando mais atentamente um período geralmenteignorado ou pouco tratado nos cursos de História do Pensamento Geográfico, o autor busca escapar das classificações tradicionais do período em questão, destacando o imperativoem se estudar a produção do conhecimento geográfico pré-institucional.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Percebemos que os trabalhos apresentados no GT de História da Geografia ultrapassam limitações temáticas e metodológicas que ainda perduramno ensino de História do Pensamento Geográfico nas universidades brasileiras, dessa forma contribuem de modo significativo para aprofundar as interpretações acerca da história da geografia entre os geógrafos brasileiros. Todavia, percebemos também que as pesquisas apresentadas no GT estão longe de representarem uma uniformidade ou uma clara tendência que possa sugerir uma agenda para o campo. Os contextos de citação mobilizados pelos autores são bem distintos, assim como suas ferramentas e fenômenos de investigação.

De forma geral, como foi observado no caso da geografia histórica, reconhecemos que o campo da história da geografiatem muito a ganharestabelecendo maispontes com o movimento de renovação historiográfica pelo qual passou a geografia anglo-saxônica, que aparece ainda de forma tímidanas pesquisas nacionais. Ainda que sempre passíveis de críticas e adaptações, a produção da história da geografia no mundo de língua inglesa, a partir, fundamentalmente da chamada virada históricana década de 1990, poderia ser utilizada para refutar de forma contundente e consciente a abordagem historiográfica tradicional que ainda perdura, caracterizada por narrativas retrospectivas, cumulativas, lineares e evolutivas, canônicas e essencialistas do campo. Como observamos aqui, as pesquisas apresentadas no nosso GT da ANPEGE acenam para a superação, em diversos aspectos, de tais abordagenstradicionais, entretanto, essa tendência ainda não aparece de forma sistemáticaou mais teoricamente aprofundada.

Nesse sentido, defendemos que a virada histórica que marcou a virada do século XX (e.g. Barnes, 2004a, 2004b; Livingstone, 1995, 2003; Agnew&Livingstone, 2011) poderia, assim, contribuir para uma reflexão a respeito, por exemplo, do expedientecanônicona historiografia tradicional entre os geógrafos brasileiros, e contribuir também para uma historiografia crítica e permanentemente reflexiva da geografia. Como por exemplo, viaconstrução denarrativas alternativas sobre o desenvolvimento do campo que prezempela situação e posição dos atores envolvidos no processo de construção do conhecimento, considerando seus lugares e tempos de enunciação e produção, suas condições materiais e intelectuais e, especialmente, tendo em vista as controvérsias conceituais nas quais se engajaram.

Conforme aponta Lamego (2013), por tratar de temas caros para a historiografia da disciplina, o movimento anglo-saxão de renovação historiográfica segue extremamente atual para nós. Em larga medida, ainda estamos acostumados com a importação e adoção dos modos de se fazer e escrever a história da disciplina e muitas vezes seguimos descuidados em relação aos motivos para sua adoção ou mesmo em relação às suas chances de adaptação. Neste sentido, a continuidade e a frequência do GT de História da Geografia

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

se faz fundamental, pois será a partir de fóruns como este que a geografia brasileira pode intensificar e diversificar de forma mais consciente e autodeclarada as formas de se contar sua própria história.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo inicial deste texto de compartilhar um relato sobre os trabalhos e debates travados no GT de História da Geografia no encontro da ANPEGE, ocorrido na cidade de Presidente Prudente, em 2015, propusemos uma análise da dinâmica de representatividade dos campos de história da geografia e geografia histórica ao longo dos últimos 4 encontros da ANPEGE.

A proposta para realizar tal análise se viu ancorada em percepções que temos sobre o papel da circulação, apropriação e tradução de conhecimentos pertinentes aos campos apresentados que se refletiram nos debates travados ao longo dos trêsdias de realização do nosso GT.

Justificamos a inclusão, em nossa análise, do campo da geografia histórica, não apenas em função de nosso engajamento em redes de pesquisadores que conectam os dois campos, mas também porque em nosso GT contamos com a participação de autores cujas pesquisas se alinham às perspectivas teóricas e metodológicas da geografia histórica.

Nossa análise buscou, em um primeiro momento, construir um breve painel sobre a dinâmica dos GTs referentes aos dois campos ao longo dos últimos 4 encontros da ANPEGE (Niterói, 2009; Goiânia, 2011; Campinas, 2013 e Presidente Prudente, 2015). Inferimos a partir da análise do painel, que tanto o campo de história da geografia, quanto o de geografia histórica, apresentam uma representatividade oscilante, não constituindo espaços consolidados dentro daquele que é o principal fórum de debates sobre a produção científica das pós-graduações em geografia no Brasil.

Na tentativa de explicar essa representatividade oscilante, propusemos uma reflexão sobre os caminhos e descaminhos que ambos os campos vivenciaram no âmbito acadêmico e científico da geografia brasileira, considerando, fundamentalmente, o processo de circulação, apropriação e tradução de conhecimentos pertinentes às redes de produção do conhecimento geográfico.

Sobre o caráter oscilante da representatividade da geografia histórica nos encontros da ANPEGE, entendemos que algumas componentes reunidas auxiliam na compreensão dessa condição. Entre estas, destacamos a sua ausência nos currículos de formação; as iniciativas pessoais, que muito embora louváveis, não conseguem sustentar a manutenção

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

de fóruns de discussão mais amplos e/ou permanentes; e, por fim, a partir de reflexão de Baker (1999) e Claval (1984), sugerimos que nossa ascendência francesa nos afastou, em certa medida, de debates travados na geografia histórica de língua inglesa.

Sobre a também natureza oscilante da representatividade da história da geografia nos encontros da ANPEGE, entendemos que a despeito da presença da disciplina de História do Pensamento Geográfico nos currículos dos cursos de formação em geografia da maioria das universidades brasileiras, debates de natureza historiográfica ainda são tímidos no desenvolvimento do campo.

Também procuramos ao longo do texto apresentar as contribuições dos autores que participaram do nosso GT. Os trabalhos apresentados refletem qualidade e investimentos nos campos de geografia histórica e história da geografia. Os debates primaram pela discussão em torno dos métodos característicosdos campos, o que possibilitou uma troca tão importante quanto necessária, uma vez que acreditamos que só é possível um fortalecimento de pesquisas a partir de uma postura reflexiva e crítica acerca de nossas escolhas metodológicas.

REFERÊNCIAS

1. Abreu, M. de A. *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*. Rio de Janeiro: Andrea JakobssonEstudio e Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2010.
2. _____. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 1987.
3. Agnew, J. &Livingstone. D. (eds.) *The SAGE Handbook of Geographical* Knowledge. SAGE, 2011.
4. Almeida, R. S. de.*A Geografia e os Geógrafos do IBGE no Período de 1938-1998: uma relação entre documento e memória.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
5. Andrade, M. C. *Geografia, Ciência da Sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.
6. Barnes, T. Placing ideas: genius loci, heterotopia and geography's quantitative revolution. *Progress in Human Geography*, n. 28, 5,2004a, pp. 565-595;
7. Barnes, T. A paper related to everything but more related to local things. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 94, n. 2, 2004b, pp.278-286.
8. Baker, A. R. H. *Geography and History: bridging the divide*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
9. Bernardes, L. Importância da posição como fator do desenvolvimento do Rio de Janeiro.*Anais da Associação dos Geógrafos (AGB)*, São Paulo, TOMO I, vol. 11, n. 1, p. 175-196, 1957/58.

10. Bernardes, L. Evolução da Paisagem Urbana do Rio de Janeiro até o início do século XX. Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Regional do Rio de Janeiro. *Aspectos da Geografia Carioca*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, p. 45-64, 1959.

11. Bernardes, N. Expansão do povoamento no estado do Paraná. Revista Brasileira de Geografia, IBGE, 1950, v.14, n.4, 1950.

12. Bernardes, N. A colonização europeia no Sul do Brasil. *Boletim Geográfico*, IBGE, jul-ago, ano 10, n.109, 1952.

13. Bernardes, N. Notas sobre a ocupação humana da montanha no Distrito Federal. *Revista Brasileira de Geografia*, IBGE, v.21, n.3, jul/set, 1959.

14. Bomfim, P. de A. *A ostentação estatística (um projeto geopolítico para o território nacional: estado e planejamento no período pós-64)*. São Paulo, USP, 2007.

15. Braudel, F. *EI Mediterraneo y el mundo mediterraneoenla época de Felipe II*. Mexico: Fondo de CulturaEconómica, 1953.

16. Butlin, R. A.*Historical Geography: through the gates of space and time*. London: Wiley, 1993.

17. Cameron, L.; Forysth, I.; Yamamura, A.; Novaes, A. R. Commentary Historical Geography as an International Discipline 1975 – 2015: responses. *The Geographical Journal*, 2016.

18. Claval, P. The historical dimension of French geography. *Journal of Historical Geography* 10, 1984,p. 229-245

19. Cresswell, T. *Geographic Thought: A Critical Introduction*. Wiley-Blackwell, 2013.

20. Darby, H. C. Historical Geography in Britain, 1920 – 1980: continuity and change. *Transactions of the Instituteof British Geographers,* 8, 1983, p. 421–8.

21. Del Gaudio, R. S.; Pereira, D. B. (org.) *Geografias e Ideologias – submeter e qualificar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

22. Deneux, J. F. *Histoire de laPenséeGéographique*. Paris: Belin, 2006.

23. Godoy, P. R. *História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

24. Henderson, G. L. &Waterstone, M. (eds.) *Geographic Thought: A Praxis Perspective*. Routledge, 2009.

25. Lamego, A. R.*O Homem e o Brejo.* Rio de Janeiro, IBGE, 1940.

26. _____.*O Homem e a Restinga.* Rio de Janeiro, IBGE, 1946.

27. _____.*O Homem e a Guanabara.* Rio de Janeiro, IBGE, 1948.

28. _____.*O Homem e a Serra*. Rio de Janeiro, IBGE, 1959.

29. Lamego, M. Dos propósitos e modos de se escrever histórias: considerações sobre um velho debate.*Terra Brasilis* (Nova Série) [online], n.2, 2013.

30. _____.*Práticas e representações da geografia quantitativa no Brasil: a construção de uma caricatura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

31. Latour, B. *Reassembling the Social: an introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

32. Livingstone, D. *PuttingSciencein its Place: geographies of scientific knowledge*. The University of Chicago Press, 2003.

33. _____. The spaces of knowledge: contributions towards a historical geography of science. *Environmental and Planning D: SocietyandSpace*, n.13, 1995, pp.5-34.

34. Machado, L. O. *Mitos y realidades de laAmazoniaBrasileñaenel contexto geopolítico internacional*, (1540-1912). PhD. Universidad de Barcelona, U.B. Espanha, 1989.

35. Machado, M.S. *A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira*. São Paulo: USP, 2002.

36. Monteiro, C.A. *A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências*. São Paulo: USP, 1980.

37. Moraes, A. C. R. *A Geografia Histórica do Brasil. Capitalismo, Território e Periferia*. Annablume, São Paulo, 2010.

38. _____.*Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. Annablume, São Paulo, 1989.

39. _____. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1981.

40. Moreira, R. O Que é Geografia? São Paulo: Brasiliense, 1983.

41. Overton, M. Historical Geography. In: R.J. Johnston, D. Gregory and D.M. Smith (eds.) *The DictionaryofHumanGeography* (3rded),London: Blackwell, 1994.

42. Pereira, S. L. N. *Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)*. São Paulo: USP, 2003.

43. Reis Júnior, D. F. da C. História da ciência geográfica: espectro temático e uma versão descritiva. *Cadernos de História da Ciência - Instituto Butantan* - Vol. VII (1) jan/jun 2011, pp.11-33.

44. Santos, M..*A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

45. Sodré, N. W. *Introdução à Geografia: geografia e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1976.

46. Vitte A. C. *Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Artigo recebido em 30 de junho de 2016.
Artigo aceito em 30 de julho de 2016.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X